



22 A 26
DE OUTUBRO
DE 2024
FLORIANÓPOLIS - SC



Trabalhos Científicos

Título: Panorama Epidemiológico Da Sífilis Congênita No Brasil.

Autores: ISADORA CARVALHO DE SOUSA (UNIVERSIDADE POTIGUAR), RENATA BRECKENFELD S. VIEGAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA), ANA ALICE LEMOS LIMA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA), ANA KAROL SOUZA DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA), BRUNO DIAS QUEIROZ (ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SANTA CASA DE MISERICÓRDIA DE VITÓRIA), CELIJANE ALMEIDA SILVA (CELIJANE ALMEIDA SILVA), LUANA COUTO AMPARO (ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA), MARIA FERNANDA CARVALHO MARTINS MOREIRA (ESCOLA BAHIANA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA), RAFAELA GUTIERREZ ZEITOUNE MACEDO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA), NAROTTAM SÓCRATES GARCIA CHUMPITAZ (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA), JANDERSON DE CASTRO E SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA)

Resumo: A sífilis congênita é uma doença causada pela transmissão vertical da bactéria *Treponema pallidum*, ocorrendo em gestantes não tratadas ou tratadas inadequadamente, o que pode resultar em prematuridade, malformações ou morte ao nascer. No Brasil, a notificação é obrigatória e os testes são realizados durante o pré-natal e o parto, ressaltando sua importância como indicador de saúde pública. Analisar o perfil epidemiológico da sífilis congênita no Brasil, no período de 2019 a 2023. Estudo transversal, descritivo e com abordagem quantitativa, realizado mediante coleta de dados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) vinculado ao DATASUS. Foram analisadas as notificações de sífilis congênita ocorridas entre 2019 e 2023, no Brasil. A pesquisa também avaliou faixa etária do recém-nascido, faixa etária, escolaridade e raça materna, realização do pré-natal, tratamento do parceiro e evolução dos casos. Durante o período de 2019 a 2023, foram notificados 115.241 casos de sífilis congênita. Os anos de 2021 e 2022 apresentaram as maiores incidências, respectivamente, havendo um declínio de 45% em 2023. Em relação às regiões do Brasil, o Sudeste registrou a maior prevalência (44,33%), seguido pelo Nordeste (28,21%). A caracterização do perfil materno apontou a ocorrência de 57,29% das mães com idades entre 20-29 anos. Constatou-se que 82,30% realizou o pré-natal, possibilitando que 58,05% fossem diagnosticadas, 31,26% receberam o diagnóstico durante o parto e/ou curetagem. Quanto à faixa etária dos bebês, a maioria foi diagnosticada com até 6 dias de vida. Destaca-se que em relação à evolução da sífilis congênita, a taxa de natimortos/abortos foi de 3,88%, recém-nascidos vivos 94,26% e 1,30% faleceram. Ademais, apenas 19,94% dos parceiros sexuais realizaram o tratamento. Destaca-se, ao analisar o perfil epidemiológico da sífilis congênita no Brasil, os anos de 2021 e 2022 com o maior número de casos, na região Sudeste, sendo que a faixa etária de 20 a 29 anos foi a mais afetada, com o amplo número de diagnósticos realizados. A maior parte dos recém-nascidos foram diagnosticados aos 6 dias de vida e apresentaram um bom prognóstico. Este estudo transversal apresenta limitações devido às prováveis subnotificações. Portanto, ressalta-se a importância de políticas de saúde pública e ação de educação em saúde, assim como parcerias e colaborações de diversas instituições, podendo ampliar o alcance das intervenções e melhorar a notificação de casos.